

## 6 Conclusão

O que pretendemos neste momento do trabalho é somente sinalizar para alguns pontos que, com certeza, foram marcantes no decorrer deste estudo. De início, podemos considerar que a antropologia de W. Pannenberg é uma antropologia de grande alcance e profundidade, pois busca seus fundamentos nas bases mais sólidas do conhecimento ocidental. Pannenberg é um autor que dialoga amplamente com a filosofia do ocidente, partindo da clássica, passa pela escolástica até chegar à moderna, e além disso, com muita facilidade, ainda abre diálogo com outras ciências da modernidade.

Um ponto forte do estudo foi buscar perceber no pensamento do autor um diálogo aberto e científico com a modernidade, não um diálogo qualquer, mas um diálogo religioso-teológico. Nesse sentido, todo empenho no desenvolvimento de uma antropologia sólida e bem fundamentada em bases científicas, mostra ter somente uma finalidade em Pannenberg: chegar à resposta mais clara possível que o homem se destina para Deus, como origem, como abertura na história e, como fim na escatologia. Assim, a antropologia adquire um atributo novo, ela abre em seu universo uma perspectiva teológica, buscando responder às questões que a pura antropologia filosófica pode não estar preocupada.

Puxar o homem para o centro da criação é um dado evidente na abordagem antropológica de Pannenberg. Para ele, o homem é o senhor da criação, não como dominador ou explorador desordenado do mundo e das coisas, mas porque ele traz em si a *imago dei*. Sendo imagem de Deus, o perfil de ser humano traçado por Pannenberg, assume uma tarefa muito mais ampla e profunda: a de contribuir para que a vontade de Deus aconteça no mundo. O homem, quando carrega em si a imagem e semelhança de Deus, deve ser visto como uma totalidade composta das dimensões corpo e espírito, sem nenhuma espécie de dicotomia, mas como uma totalidade integral. Somente situado nesta idéia de totalidade é que o homem, de fato, assumirá a sua realidade de sujeito livre e consciente de sua individualidade.

Outro dado a ser considerado no pensamento de Pannenberg é o tema da liberdade, para o qual ele dedica longas páginas e, não menos longos debates sobre tal temática. Se para muitos modernos a relação homem e Deus pode ser marcada pelo empobrecimento da liberdade humana<sup>1</sup>, para ele quando o homem se descobre como liberdade é que ele também se descobre como necessitado de algo mais; de algo que está além de si mesmo. Nessa percepção de si, como alguém marcado por uma liberdade que não se restringe ao universo racional e filosófico, pois senão ela se faz insuficiente, o homem se lança para um horizonte que está mais além e se projeta como transcendência para a vivência da liberdade como abertura. Tal abertura, coloca o ser humano em sintonia com o Absoluto, já que ele toma consciência de que é um ser para a liberdade. A plenificação da liberdade só é possível no momento em que este se vê marcado pela graça amorosa de Deus. Nesse sentido, pode-se falar como o apóstolo Paulo “somos libertados em virtude da libertação oferecida por Jesus Cristo” (Rm 3, 24). Conseqüentemente, a liberdade, no sentido cristão, é caracterizada pela comunhão com Jesus e com a participação na sua filiação junto do Pai. Vale retomar aqui o apóstolo dos gentios que diz “na plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher e sujeito à lei, para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos” (Gl 4, 4). Desse modo, a liberdade verdadeira permite ao homem superar a crise diante de si e diante de Deus e se deixar reconciliar com Deus. Compreendida assim, a liberdade, como já dito, é fruto da graça, é dom do Espírito tornando o ser humano plenamente livre; ela o faz participante da filiação de Jesus Cristo, porque somos filhos no Filho.

Como já mencionado, não é possível pensar a realidade humana sem levar em consideração o ser humano na sua totalidade como pessoa e nessa totalidade a transcendência como ato do espírito. O homem é um ser aberto, incompleto, isso vale dizer que ele busca sempre mais e mais.

---

<sup>1</sup> Aqui vale lembrar o episódio do **asno de Buridan**, que diante de duas vasilhas de feno não saberia escolher qual delas lhe pareceria mais apetitosa. Este episódio foi relacionado com a liberdade humana em relação a Deus por alguns filósofos modernos, dizendo que Deus teria que indicar ao homem o caminho para a sua vida já que ele não tem em si mesmo a liberdade para escolhê-lo.

Ao caracterizar a sua antropologia com fortes traços transcendentais, Pannenberg compreende o ser humano como alguém que é impulsionado por uma força que o projeta para um lugar indescritível. Este lugar, que não tem nome, pois nenhum nome seria suficiente para defini-lo é o que o homem deseja como infinito inexprimível, tal lugar porém, se faz presente no homem como dado do espírito. Assim, transcendência e espírito, na dinâmica humana, lançam a pessoa em direção ao sagrado, ao divino. Somente no entendimento da pessoa como espírito, consciência e transcendência, é que se pode falar de um homem como abertura para Deus na antropologia de Pannenberg. É na compreensão que o homem adquire de si, sustentada nos substantivos indicados acima, que tal homem pode ser considerado como alguém que deseja o absoluto e se abre para ele. O ser humano supera o mundo que o rodeia e os limites da cultura, abrindo espaço para um lugar que se instala mais além do horizonte dos fatos concretos, ele entra numa realidade que é mais que humana. Aqui surge um complemento, definido como sobrenatural, que não está no concreto da história, mas é dado, é força da Graça, oferta gratuita de Deus. É pela Graça, que o homem é possibilitado de se elevar ao mais alto grau de perfeição, chegando à semelhança de Jesus Cristo. Na história de Jesus de Nazaré o homem se supra-assume e se livra de seus limites, atingindo seu destino de imagem e semelhança com Deus.

Todo o empenho teórico e científico de Pannenberg, é para situar a antropologia em um lugar teológico. No esforço da elaboração e fundamentação científica, o autor busca demonstrar no homem a dimensão religiosa como constitutivo natural. É na elaboração da sua realidade como espírito, consciência, transcendência e liberdade que Pannenberg consegue fazer a passagem da pura antropologia para a Antropologia teológica, ou melhor, ele formula uma leitura da antropologia numa ótica diferenciada. Nesse contexto, a história humana já é em si uma história teológica, em que Deus se faz presente nela. A antropologia se instaura no seu lugar ideal que é buscar as respostas mais fundamentais e profundas para a existência humana.

Para alcançar o lugar religioso do homem, Pannenberg faz uma leitura da história e da cultura, realidades em que o homem está situado. Não há como buscar uma resposta para o anseio religioso da pessoa, sem fundamentá-la na história e na cultura; por tal motivo, o autor constrói um longo caminho histórico e cultural para, a partir deste lugar onde se encontra instalado, construir as respostas antropológicas para a sua reflexão teológica. Pode-se dizer, sem grande dificuldade, que o homem pannenberguiano é por natureza religioso e já traz em si tal realidade desde sua origem na criação. Uma afirmação constante em sua antropologia teológica é o homem ser criado a imagem e semelhança de Deus. Tal afirmação já pré-estabelece no ser humano um lugar especial no mundo e na natureza, uma vez que ele se constitui, na cadeia das espécies, como uma singularidade, marcado pela razão e pela liberdade. No uso da razão e da liberdade, diferentemente do instinto animal, o homem possui uma direção vital, doada por Deus, ele já visualiza uma meta que está posta para ele, de tal modo a realizar em si o ser imagem e semelhança de Deus. É plausível dizer que a *imago Dei*, como traço característico da natureza humana permite ao homem pensar o fim da realização de sua essência. Mesmo que o homem, como criatura, seja marcado por imperfeições, ele se vê em condições de superá-las através de sua abertura ao mundo e às coisas de fora dele. É nesta abertura ao mundo e ao fora de si que o homem se encontra como consciência e como abertura a Deus. Nesse caminho, o homem busca um sentido mais profundo para sua vida; ele se abre ao transcendente e ao sagrado. O homem se vê como religioso, e se vendo assim, deposita a sua confiança no absoluto, em Deus. Não há como negar que, para Pannenberg, a experiência religiosa é essencialmente humana. É na história do homem que tal experiência se revela. Mesmo que no mundo a experiência humana ainda não tenha atingido sua plenitude como experiência religiosa ou experiência de Deus, ela já se faz fato consumado, realizado na pessoa de Jesus Cristo. Jesus é o protótipo do que o homem deverá ser como realização. Nele o homem religioso já vislumbra o seu destino a ser realizado, e espera essa realização com toda sua confiança.

A realidade humana, na sua identidade se descobre como abertura que, é um traço fundamental de sua realidade como consciência. Nesse processo, o homem se conhece como alguém que é possuidor de uma missão específica. Ele se descobre como alguém destinado a algo muito maior, destinado a Deus. Em Jesus Cristo o homem se percebe como participante da filiação divina e da missão de Jesus. Como Jesus foi obediente ao Pai, cada pessoa também deve participar dessa obediência e do cumprimento de sua missão no anúncio do reino de Deus. Jesus como Encarnação é a revelação da grande esperança humana. No amor do Pai manifestado em Jesus, o homem se vê libertado em sua liberdade e se encontra renovado na sua história. Agora, já se faz presente no homem, como revelação, o que ele será no futuro. Com a ressurreição de Jesus dos mortos surge ao homem um horizonte escatológico, apresentado como uma possibilidade real. Desta forma, a esperança humana já vislumbra a sua plena realização que será cumprida plenamente na eternidade.

Antes de encerrar estas considerações conclusivas, cabe retomar o já mencionado acima, o escatológico. Pannenberg não deixa dúvida, como teólogo cristão coloca um grande acento na escatologia como esperança final para a história humana. A sua antropologia teológica valoriza profundamente a história humana e toda cultura, propiciando ao ser humano experimentar a história como abertura para o transcendente e como esperança. Sua antropologia apresenta o homem num mundo marcado pela esperança. O homem é um ser que deseja se realizar plenamente; e, por ser imagem de Deus, não se contenta com os puros fatos da cultura e da história, conseqüentemente, numa atitude profunda e impulsionada pelas forças do espírito, da consciência e da liberdade, se eleva até ao mais alto de sua esperança. Em Jesus Cristo esta esperança é caracterizada como reino de Deus, salvação, *eschaton*. A realização definitiva do ser humano, como cumprimento da salvação escatológica e como esperança que se dará na ressurreição definitiva.

No momento escatológico, o homem encontrará alívio para suas angústias e misérias, alcançando a felicidade e a paz. Será o momento em que o ser humano experimentará de forma plena o amor de Deus já

demonstrado a ele desde a criação. No ato revelador de Deus ao homem, o homem se verá também revelado a si mesmo. E no encontro criatura e criador, a palavra-chave para a entrada neste mistério definitivo de Deus será amor. Como registrou o quarto evangelho: *Deus é amor*. Sobre a escatologia, ainda vale dizer: caso a antropologia seja esvaziada da esperança mais profunda que marca a essência humana, ela passa a não ser antropologia, na verdade se torna nada. Se o homem retirar a dimensão religiosa da sua realidade como homem, ele deixa de ser homem, esvaziando a sua história por completo, pois o sentido último da história humana está nele como Graça, como dom doado por Deus e sem esse sentido, a história está fadada ao fracasso e ao vazio. A resposta mais profunda e mais ousada para a antropologia, como ciência, não é ela mesma no seu *status científico*; a ciência serve somente de apoio para o ser humano se lançar para uma atitude que está muito além; para assim, ele adentrar numa experiência onde a antropologia se faz pequena para explicar. O homem participa da experiência do sagrado, da experiência de Deus.